



ALOCUÇÃO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA
DR. ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA
DEPOIS DE PRESTAR O SEU COMPROMISSO DE HONRA
NA SESSÃO DO CONGRESSO, DE 5 DE OUTUBRO DE 1919

Agradeço ao Congresso da República Portuguesa a alta honra que me dispensou, elegendo-me Chefe do Estado.

Sou um homem simples e modesto, sem qualidades que o distingam nem predicados que o imponham. E se fui elevado ao alto cargo em que me encontro, a dignidade que me concederam só pode ser atribuída à benevolência de quem me elegeu e porventura ainda à circunstância de o Congresso querer mostrar que não se esquecia da minha dedicação à causa pública, e da persistência convicta, inalterável e tenaz, com que, nesta casa do Parlamento, defendi, sem um desfalecimento, e nas condições mais variadas, a legitima causa dos Aliados, a que sempre considerei indissolúvelmente ligada a nossa sorte de povo livre.

E, procedendo assim, o Congresso quis significar, sem dúvida, que, perante aquelas razões fundamentais, não prevaleciam razões de ordem secundária, que, todavia, anteriormente, exerceram influência na vida e marcha do Estado. De facto, eu mantive-me, até a última hora, na política activa, exercendo uma acção combativa na imprensa e na tribuna parlamentar e popular. Até a última hora estive à frente dum bravo e generoso partido, que, embora ligado por fortes laços de camaradagem patriótica aos outros agrupamentos políticos, tinha a sua doutrina peculiar e adoptava processos que acentuadamente lhe pertenciam.

Apesar disso, o Congresso deliberou escolher-me para, numa República parlamentar, em que o Chefe do Estado se deve conservar alheio a todas as lutas e paixões, presidir aos destinos da Nação, a que se condicionam todos os destinos partidários. Êste facto, que não deve ser olvidado, significa que a República Portuguesa está na resolução de pôr, acima dos interêsses de grupo, os interêsses genéricos da Pátria, e que só passageira e superficialmente se deixará impressionar pela modalidade técnica da política dos homens, para apenas ter em conta a superior expressão do seu patriotismo, contanto que êles sejam merecedores, pela sua lialdade, da confiança com que os honrem.

Mais ainda do que o galardão que me conferiu, eu agradeço ao Congresso a segurança que atribuiu ao meu carácter e a certeza antecipada que se criou de que eu, no alto cargo a que ascendo, serei imparcial e sereno, sem outra paixão que não seja a do engrandecimento da Pátria e sem outro sentimento que não seja o do amor à República.

Não se há-de iludir o Congresso. Aqui cheguei sem qualquer espécie de tergiversação ou doblez. A nenhuma convenção ou pacto anterior tenho de subordinar os meus intuitos, a não ser àquele pacto fundamental, que regula toda a vida da Pátria: a Constituição. Essa, sim, respeitá-la hei sempre, servindo-a ao mesmo tempo com consciência e amor, e de maneira tal que eu, zelando-a, a engrandeça, e, engrandecendo-a, não deixe de a zelar, até mesmo naquilo que são atribuições minhas, das quais não cederei jamais, na compreensão de que, se seria um atentado invadir a esfera dos outros, seria uma defeccção consentir que os outros apoucassem ou deprimissem os direitos que me pertencem.

Tomei o meu compromisso há pouco. Aqui o formulei em voz benalta, dando-lhe a garantia da minha honra e aí fica êle escrito sob a responsabilidade do meu nome. Saberei cumpri-lo.

* * *

É bem difícil o momento em que assumo a Presidência da República. O mundo, abalado nos seus fundamentos pela grande guerra, durante muito tempo procurará debalde a fórmula do seu equilíbrio. Portugal que, cavaleirosamente, se envolveu na luta, ressentido-se dos estragos que a furiosa devastação produziu nas suas finanças e na sua economia. Estamos num momento agudo da nossa história, e, porventura, êsse momento é decisivo. Mas não devemos preocupar-nos além daqueles limites em que são legítimos a prevenção e o receio, como estímulo de energias adormecidas.

O país tem condições de vida que são suficiente garantia do seu futuro. Com trabalho ordeiro e disciplinado e com uma economia severa, pautada pelas mais austeras normas de moralidade administrativa, triunfaremos de todas as dificuldades. Tenhamos essa fé, essa certeza. Qualquer palavra de desânimo será criminosa. Erradamente se costuma dizer que o país é pequeno, parecendo ignorar-se que somos a terceira nação colonial, com imensos tratos de terreno virgem, onde se acumulam as mais extraordinárias riquezas. E quando os defectistas dizem que a raça é indolente, êles fingem ignorar as provas de vigor que ela tem dado sempre e ainda agora está manifestando, na ânsia indomável com que deseja acompanhar o movimento de renovação que vai pelo mundo.

Mas, para que o país possa desenvolver-se com intensidade e harmonia, é preciso que gozemos duma paz sem sofismas, e essa só é possível numa atmosfera de ordem, fecunda e acolhedora.

Para que essa atmosfera se crie pela solidariedade de todos, empregarei os melhores esforços e farei os maiores sacrificios. Conto com o êxito. Acalmando as paixões, apaziguando as cóleras, moderando as ambições dos homens e estimulando as suas energias, o seu amor ao trabalho, o seu poder de iniciativa, conseguirei, pela concórdia e persuasão, aquilo que afinal tem sido o lema político de toda a minha vida: a Paz.

Alheio às lutas políticas, só nelas intervirei com o fim de as acalmar e aproveitando sempre o estímulo patriótico que delas derive. Respeitador de todas as ideas políticas e religiosas dos portugueses, como é próprio da minha tradição e do lugar que vou ocupar, só combaterei, segundo os ditames da Constituição, quem atentar contra a República, e, então, não defenderei só o estado republicano, mas defenderei, como me cumpre, a própria doutrina republicana.

O âmbito da minha acção política é — eu o sei — pequeno. E não sou eu homem que em caso algum o ultrapasse. Mas a esfera da minha influência moral pode ser vasta, enorme. E é precisamente essa grande e por vezes dominadora influência que eu vou empregar na missão elevada de conciliar os cidadãos portugueses.

Respeitador, por índole e dever, da Soberania Nacional, a minha acção de Chefe de Estado vai cifrar-se na palavra Fraternidade.

Só assim poderei dalguma forma merecer a liberalidade com que me haveis honrado, elegendo-me, e só dessa maneira eu serei digno da satisfação, por tantos modos revelada, com que a Nação aplaudiu êsse acto.

Fui o presidente do govêrno da União Sagrada. Êsse facto impõe-me obrigações que corajosamente aceito, e aponta-me um caminho que intrépida-mente seguirei. Na minha fé sagrada, apesar da perturbante emoção que

então senti, não tive um momento de hesitação ou desalento quando se tratou de sujeitar o país às provas dolorosas duma guerra atroz. Servindo a Pátria nos seus altos destinos e obedecendo às vozes da Raça, contribuí para que Portugal, graças ao heroísmo do seu exército e da sua marinha, assegurasse, com a integridade do seu território, a prosperidade e benefícios duma honrada independência.

Agora com devoção igual me dedicarei inteiramente à missão pacífica de harmonizar os meus compatriotas, trabalhando pela Paz com o mesmo afan patriótico com que empreguei todas as minhas energias nas horas angustiosas da Guerra.

Só assim corresponderei ao vosso mandato e só assim não serei amaldiçoado pela memória daqueles que dormem o glorioso sono sob a terra em que, defendendo a Pátria, caíram prostrados.

Que a vossa benevolência e o vosso autorizado conselho me não falem, Senhores Congressistas. Que me não falte o agasalho fraternal do Povo. Que não me falte, em suma, a confiança generosa da Nação. E contando com êsse amparo, que é ao mesmo tempo estímulo e fortaleza, dêste lugar, onde imerecidamente cheguei, saúdo todos os Portugueses sem excluir ninguém, na sentida aspiração de ver a Pátria engrandecida— a Pátria a cujas virtudes, a cujo prestígio e a cuja glória rendo, neste momento, uma suprema homenagem, vitoriando-a no seu símbolo supremo :

VIVA A REPÚBLICA PORTUGUESA !

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA
ARQUIVO HISTÓRICO PARLAMENTAR